

ÍNDICE

Introdução	11
------------------	----

I

TEXTOS

O Sagrado na Vida de Cada um de Nós	15
<i>Adriano Moreira</i>	
A Identidade Nacional entre a Imaculada Conceição & Fátima	21
<i>Annabela Rita</i>	
A Literatura e o Sagrado em Angola	37
<i>Carlos Mariano Manuel</i>	
A Literatura e o Sagrado em Moçambique.....	43
<i>Delmar Maia Gonçalves</i>	
A Literatura e o Sagrado em São Tomé e Príncipe	49
<i>Edite Ten Juan</i>	
O Sagrado na Música: Apontamentos e Reflexões em Torno de <i>Theology, Music and Time</i> de Jeremy S. Begbie.....	53
<i>Edward Ayres de Abreu</i>	
A Literatura e o Sagrado em Cabo Verde	61
<i>Elter Manuel Carlos</i>	



O Sagrado na Tradição Islâmica	87
<i>Fabrizio Boscaglia</i>	
Goanidade e Sacralidade.....	97
<i>Henrique Machado Jorge</i>	
Criação e Experiência do Narrador.....	121
<i>João de Melo</i>	
Língua Nativa e Teologia Exótica	125
<i>Joaquim Domingues</i>	
A Experiência do Sagrado na Tradição Druídica.....	133
<i>Joaquim Pinto</i>	
Maria em Lendas e Milagres da Tradição Católica Macaense	151
<i>Jorge A. H. Rangel</i>	
O Sagrado e a Arte	159
<i>José Carlos Pereira</i>	
O Sagrado em Malaca	171
<i>Luísa Timóteo</i>	
O Sagrado no Pensamento	173
<i>Manuel Cândido Pimentel</i>	
A Literatura e o Sagrado na Galiza	181
<i>Maria Dovigo</i>	
A Literatura e o Sagrado no Brasil	189
<i>Mariene Hildebrando</i>	
O Judaísmo na Cultura Portuguesa: O Caso de Álvaro Ribeiro.....	195
<i>Pedro Martins</i>	
A Literatura e o Sagrado na Guiné-Bissau.....	265
<i>Péqui Mpuló</i>	
A Minha Experiência de Escrita como Prosadora	269
<i>Risoleta Pinto Pedro</i>	
O Sagrado na Tradição Cristã	273
<i>Samuel Dimas</i>	
As Humanidades como Expressão do Sagrado	287
<i>Guilherme d'Oliveira Martins</i>	

II
PRÉMIOS TABULA RASA

Literatura Infanto-Juvenil.....	295
<i>Pedro Teixeira Neves</i>	
Poesia.....	299
<i>António José Borges</i>	
Ficção	305
<i>António Ganhão</i>	
Filosofia	307
<i>Luís Lóia</i>	
Vida e Obra	313
<i>Miguel Real</i>	

III
MEMÓRIA FOTOGRÁFICA



INTRODUÇÃO

Decorreu na segunda quinzena de Novembro de 2017, entre os dias 15 e 18, o II Festival Literário TABULA RASA, uma co-organização do MIL: Movimento Internacional Lusófono e da Revista *Nova Águia*, em parceria com as autoridades locais (Junta de Freguesia de Fátima e Câmara Municipal de Ourém) e em associação com uma vasta série de entidades: Academia Lusófona Luís de Camões | Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo | Associação Coração em Malaca | Academia Pró-Academia Galega de Língua Portuguesa | Casa de Goa | CLEPUL: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias | Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora | Fundação Lusíada | Instituto Fernando Pessoa | Instituto de Filosofia Luso-Brasileira | Instituto Internacional de Macau | Liga Africana | Sociedade Histórica da Independência de Portugal | Sphaera Mundi: Museu do Mundo.

Assumimos o lema “Muito mais do que um Festival Literário” e o volume que aqui se apresenta justifica-o plenamente. Depois de, no I Festival, termos abordado a relação entre “A Literatura e a Filosofia”, desta vez o mote foi “A Literatura e o Sagrado”. Assim, dissertámos sobre “O sagrado nas várias tradições religiosas”: nomeadamente, nas tradições católica, islâmica, judaica e druídica – bem como sobre “O sagrado no pensamento, na música e nas artes plásticas”. A dimensão internacional lusófona do I Festival também se manteve, com uma série de intervenções sobre “A Literatura e o Sagrado” nos diversos países e regiões do amplo e plural espaço de língua portuguesa. Essa dimensão internacional lusófona já se tornou, de resto, uma das marcas maiores dos Festivais TABULA RASA.

Neste volume, publicamos todas essas intervenções, bem como outras que tiveram também lugar – desde logo, as de Adriano Moreira e Guilherme d’Oliveira Martins, na Sessão de Abertura do Festival. De igual modo, publicamos a



justificação dos diversos Prémios “Obras TABULA RASA 2016-2017”, nas diversas categorias: literatura infanto-juvenil (justificação: Pedro Teixeira Neves); poesia (justificação: António José Borges); ficção (justificação: António Ganhão); filosofia (justificação: Luís Lóia) – bem como o Prémio “TABULA RASA Vida e Obra”, entregue a Pinharanda Gomes (justificação: Miguel Real). Finalmente, publicamos uma breve mas significativa “Memória Fotográfica” deste II Festival, que, tal como o primeiro, teve ainda um programa paralelo mais dirigido ao público infanto-juvenil e diversos momentos culturais que muito agradaram à numerosa assistência. Por tudo isso, uma palavra final de reconhecimento a toda a equipa que trabalhou e que continuará a trabalhar connosco.

RENATO EPIFÂNIO
Comissário do Festival





ADRIANO MOREIRA

O SAGRADO NA VIDA DE CADA UM DE NÓS

Este tema, na visão cristã que domina este lugar de Fátima, é especialmente posto a cristãos, particularmente ocidentais, e, pela evolução dos tempos, e conjunturas políticas, culturais, e científicas, a crentes, e até a não crentes cujo comportamento não pode cortar com a circunstância porque, como tão incisivamente enunciou Ortega, a admitirem que o homem não tem natureza, mas história, encaminhando para repensar a vida humana tendo presente que “o humano escapa à razão físico-matemática como a água por uma peneira”. Mas é justamente o contrário que a circunstância do nosso tempo está a ver crescer como paradigma, levando-os à submissão ao prognóstico de Ernest Renan, quando em 1848, ao publicar o seu *L'Avenir de la science*, escreveu:

“É sobretudo sob a forma religiosa que o Estado velou até agora sobre os interesses supranacionais da Humanidade. Mas a partir do momento em que a *religiosidade* do homem virá a exercer-se sob a forma puramente científica e racional, tudo a que o Estado atribuíra antes ao exercício religioso será de direito para a ciência, única religião definitiva. Não haverá mais orçamento dos cultos, haverá orçamento da ciência, orçamento das artes”.

Nem a *Encíclica Quanta Cura*, de 1864, nem os erros enumerados pelo *Syllabus*, atacados como recusa do “mundo moderno”, evitaram que fosse violada a esperança de um mundo melhor que dominou o espírito da chamada “Europa Dominante”, expressão que designa o período que decorre entre 1789 e 1914, este sendo o ano em que se inicia o período das duas guerras mundiais que trouxeram o início do Outono Ocidental. Lembremos que o mundo em que vivemos



tem sido frequentemente qualificado como “um mundo de desigualdades”, com diferentes perspetivas de analistas numerosos, que multiplicam as áreas em que convergem na mesma conclusão.

Os interesses dos investigadores dizem respeito às mutações políticas que são numerosas e de acelerações perturbadoras, às mudanças sociais que lhe estão associadas, às tecnologias que permitem frequentemente uma intervenção da ciência sem consciência, às mudanças ambientais que não encontram modo de dominar os interesses económicos que lhe desvalorizam a importância mesmo em face de múltiplos desastres.

No passado, não muito recuado, foram procuradas nos regimes da escravatura, hoje um tema que voltou à atualidade, e da colonização que criou a categoria de “terceiro mundo”, as causas da desafiante desigualdade a que a mundialização obriga, embora as intervenções das correntes justicialistas, que enriqueceram ideais democratas e socialistas de vários sinais, tenham aumentado a consciência da injustiça da circunstância que é imperativo enfrentar, assumindo uma ajuda, que luta com dificuldades, a exigir o que se vai chamando “governança”.

Infelizmente deste globalismo vão-se conhecendo os efeitos, e muito pouco da estrutura, dos centros de decisão, dos interesses dominantes, que não são nem os das Declarações de Direitos nem os da Declaração de Deveres, nunca aprovada. O resultado é que o número de excluídos cresce, a guerra que não assume o nome alastra, e as desigualdades acentuam-se com as hipóteses da economia frequentemente tomadas por certezas. Com isto não se diminui o inventário das desigualdades, mas também não evita que tais desigualdades digam sobretudo respeito às relações Norte-Sul, porque se trata, como já foi anunciado, de uma “transnacionalização complexa”, que não distingue entre regimes autoritários e regimes democráticos. De facto, atinge a área dos valores, e sobretudo da esperança.

Um dos efeitos do verdadeiro terrorismo em que os portugueses têm sido atingidos pela destruição do património histórico, como o pinhal de Leiria, responsabilidade da distração longa do Estado, das vidas das vítimas, com elas a destruição do passado e do futuro dos vivos que suportam as consequências, é a violação da esperança e também da confiança no Estado. O Papa Francisco, em 1 de Dezembro de 2013, lembrou “como na vida de cada um de nós há sempre necessidade de voltar a partir, de tornar a levantar-se, de reencontrar o sentido da rota da sua existência, assim também a grande família humana precisa de renovar sempre o horizonte comum, em direção áquilo para que nos encaminhamos. O horizonte da esperança! É este o horizonte para se fazer uma longa caminhada”.

Um dos serviços prestados pela oportuna, rigorosa, e fundamentada com autenticidade nos valores, da intervenção do Presidente da República, foi a de fazer compreender que são problemas humanos, quanto às gerações vítimas, atuais e

